



Onde começou o Teach for All?

O TFA começou em 1990 com o Teach for America. Esta organização dispunha-se a recrutar diplomados de 'alto calibre' para ensinar em escolas socialmente desfavorecidas, em áreas de maior complexidade social onde seria alegadamente mais difícil recrutar professores devidamente qualificados. Segundo a organização, os jovens recrutados receberiam um treino rápido antes de começarem a trabalhar e, depois, continuariam a treinar "no trabalho". O princípio seria proporcionar aos jovens uma certa "experiência de trabalho", na qual estes iriam adquirir algumas competências úteis de emprego para, posteriormente, abandonando o ensino, se dedicarem ao trabalho na sua área específica de formação. Depois do Teach for America, em 2003 apareceu o Teach First no Reino Unido, seguido pelo Teach for Etonia, Renkuosi Mokyti na Lituânia e Iespējamā Misija na Letônia em 2008. A partir de então, têm-se juntado em cada ano entre dois e sete novos parceiros.

Onde opera o Teach for All?

O TFA é uma rede global em rápida expansão. Em setembro de 2019, o Teach for Liberia foi anunciado como sendo o 52.º parceiro da rede. Os parceiros da rede são organizações independentes, unidas através da organização global TFA.



Quais são as principais preocupações da IE?

A Internacional da Educação (IE), como federação global que representa mais de 400 organizações sindicais da educação em todo o mundo, tem vindo a alertar para o impacto do TFA na profissão de professor e no sistema público de educação, que se quer inclusivo e de qualidade para todos.

Desprofissionalização

O primeiro e mais óbvio problema do modelo TFA é que ele sistematicamente traz pessoas não qualificadas para o ensino para dentro da sala de aula. Os associados do TFA são recém-formados, selecionados e treinados por um período de até 12 semanas durante o verão, antes de assumirem responsabilidades numa turma. Este modelo contribui para a desprofissionalização dos professores, pois sugere que, se alguém tem um bom registo académico, está motivado e recebeu formação durante algumas semanas, está pronto para ensinar. Os sindicatos da educação querem elevar o estatuto da profissão, através da garantia de que há padrões governamentais para assegurar que todos os professores são qualificados e receberam formação inicial de alta qualidade.

Piores resultados de aprendizagem – professores não qualificados são menos eficazes

Existem muitos estudos de investigação sobre o TFA em diferentes países. O Teach for America foi o mais estudado. Os resultados da investigação são variáveis, mas uma revisão sistemática das provas existentes sobre o Teach for America mostrou que, tendo em conta a experiência do professor, os graus e as características dos alunos, os professores certificados produzem consistentemente maiores ganhos no aproveitamento dos alunos do que os professores não certificados, como os recrutados pelo TFA.

Enfraquecimento da defesa dos direitos profissionais – o ensino não é caridade

É improvável que lançar um graduado não qualificado, com formação mínima, diretamente numa sala de aula com múltiplas carências seja uma receita bem-sucedida. Por muito boa vontade que possam ter, os 'benfeitores' do TFA não têm formação em inclusão, técnicas de controle de sala de aula, sensibilidade de género, ensino a alunos com necessidades especiais, ensino a alunos para os quais a língua de instrução não é a sua língua de origem... ou quaisquer outras capacidades e competências necessárias ao ensino.

A maioria dos professores de TFA trabalha arduamente para sobreviver e estar à altura das expectativas. Durante os poucos anos que permanecem no ensino, muitos estão dispostos a trabalhar sem horário definido, com o risco de essa carga horária se poder tornar a referência para todos, prejudicando os esforços dos sindicatos para garantir horários de trabalho decentes.

Aceitar uma alta rotatividade como aceitável ou até desejável

Alguns ex-estudantes de TFA permanecem no ensino e, eventualmente, adquirem as suas qualificações, mas muitos passam para outras carreiras. Nos EUA, a taxa de desistência foi superior a 50% ao fim de dois anos e 80% ao fim de três anos, o que significa que os distritos escolares têm de enfrentar os custos da desistência e rotatividade constantes, com consequências negativas nos resultados da aprendizagem. Para muitos, o TFA é visto como um trampolim para melhores carreiras. Mesmo quando o TFA refere que muitos de seus associados 'permanecem na educação', isso não significa que fiquem no ensino. Fundam ONGs na área da educação, trabalham em consultoria educacional ou em políticas educativas. Isso levanta outras preocupações, pois podem influenciar futuras políticas com base numa experiência de educação redutora e de curto prazo. Por outro lado, se é certo que graduados talentosos não optam pelo ensino, preferindo setores com salários mais altos, como a banca ou consultoria, a solução passa por melhorar as condições de exercício da profissão, tornando-a mais atraente, e não por expedientes como o TFA.

É caro e retira dinheiro do sistema

O modelo do TFA é caro. Uma das razões apontadas pelo governo do Território da Capital Australiana para abandonar o Teach for Australia foi a despesa do programa para o sistema público (77 milhões de dólares americanos entre 2009 e 2021). Um "fracasso dispendioso", segundo o Australian Education Union, mais caro e com piores resultados do que o programa oficial de formação de professores.

O TFA é parcialmente financiado pelos contribuintes através de ajuda externa. Por exemplo, a TFA como organização global recebe financiamento anual da agência de desenvolvimento internacional mundial USAID e do POCH. Dinheiro que podia ser usado para responder a outras necessidades dos sistemas educativos.

O TFA distrai da solução da crise na oferta de professores

Por fim, o TFA é uma solução de curto prazo. Grandes problemas políticos, como o recrutamento e a manutenção de professores qualificados, não são enfrentados porque o TFA disponibiliza um contingente de jovens voluntários. Pode ser uma solução rápida para políticos que não querem resolver o problema da falta de professores. No entanto, a solução TFA vai contra um crescente consenso internacional de que todas as crianças têm direito a um professor qualificado. Vai também contra os compromissos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que exige, dos Estados membros da ONU, o aumento da oferta de professores qualificados. Neste sentido, o TFA não contribui para alcançar esse objetivo.

Quais são, no geral, as posições dos sindicatos da educação sobre o TFA?

Nos países em que as organizações do TFA têm vindo a operar por períodos mais longos, as organizações sindicais de professores têm vindo a tomar posição sobre o programa junto dos seus associados mas também das autoridades educativas.

Reconhecendo que o programa assume algumas preocupações que fazem parte da agenda sindical – a defesa de uma educação de qualidade, inclusiva e equitativa para todos, a necessidade de reforçar o apoio aos alunos mais carenciados... –, os sindicatos entendem que, para uma educação de qualidade, não há alternativa a professores bem formados e altamente qualificados, pelo que há que tornar o ensino uma profissão atraente.

Deixando sempre claro que as suas críticas não se dirigem aos jovens que aderem ao TFA – que, como a generalidade dos professores, são pessoas empenhadas e que dão o seu melhor em circunstâncias difíceis – as organizações representativas dos professores têm vindo a denunciar o modelo TFA como desprofissionalizante, caro e ineficaz.

Pode contribuir para a comercialização e privatização da educação

O TFA diz querer apoiar escolas públicas carenciadas que têm dificuldade em preencher horários de professor. No entanto, um olhar mais atento mostra que, em algumas situações, os contratados do TFA substituíram professores experientes, que foram despedidos. Nos EUA, o distrito de Nova Orleães fechou várias escolas após o furacão Katrina, procedendo depois à sua reabertura como escolas charter (parcerias público-privadas), contratando apenas alguns docentes e substituindo a maioria dos anteriores por recrutados pelo Teach for America.

O TFA também representa parte de uma tendência para a abertura de vários caminhos para o ensino, constituindo-se como uma parte importante da reestruturação neoliberal e de redefinição cultural da educação pública. No Reino Unido, atualmente, existem inúmeros percursos alternativos para o ensino, com formação oferecida por fornecedores privados que não garantem a mesma qualidade que as universidades / instituições de ensino superior.

Influência na política nacional e global da educação – qual é a agenda do TFA?

O Teach for All está a tornar-se, cada vez mais, um participante global influente e, hoje em dia, é altamente visível nas arenas das políticas educacionais globais, nomeadamente ao nível da ONU, do FMI e do Banco Mundial.

A narrativa de argumentação do TFA centra-se em oportunidades educacionais equitativas e na importância de aumentar a liderança para atingir esse objetivo. Embora os sindicatos também sejam defensores intransigentes da educação equitativa para todos, as propostas e abordagens políticas dos sindicatos são bem diferentes. Por exemplo, enquanto os sindicatos usam um discurso baseado em direitos, o TFA enquadra a educação como um meio de gerar trabalhadores produtivos.

Qualquer que seja a sua agenda, fica claro que o TFA é um participante global e de crescente influência, que almeja tornar-se um interlocutor privilegiado dos governos na definição das políticas públicas de educação, em detrimento dos representantes eleitos da profissão docente.

Recomendações da IE para os governos

- Atrair os melhores para o ensino a longo prazo – tornar o ensino uma carreira atraente, com condições de trabalho decentes, salários e horários de trabalho adequados, assim como oportunidades de progressão na carreira e desenvolvimento profissional.
- Investir numa formação inicial rigorosa, gratuita e de qualidade, para atrair jovens talentosos de todas as origens socioeconómicas para a carreira docente
- Apoiar e implementar o Quadro de normas profissionais da EI / UNESCO.
- Introduzir políticas que regulem a qualidade da formação inicial de professores oferecida a nível nacional, garantindo alta qualidade e capacitando os professores em pedagogia e estratégias para a inclusão dos alunos.
- Garantir que os novos professores sejam adequadamente apoiados, especialmente nos primeiros anos de trabalho, inclusive por meio de indução e orientação.
- Investir no desenvolvimento profissional gratuito de alta qualidade, para os professores aumentarem a capacidade existente da força de trabalho.
- Apoiar localmente jovens em áreas de difícil acesso ou comunidades indígenas a seguir o ensino como uma carreira.
- Introduzir políticas claras de discriminação positiva que incentivem os melhores professores a trabalhar em áreas ou escolas de difícil acesso com populações de alunos particularmente desfavorecidos.



- Em meados de setembro, a Fenprof tomou conhecimento de que, na sequência da criação do programa Teach for Portugal, jovens recém-formados nas mais variadas áreas, mas sem formação para a docência, estavam a desenvolver trabalho em salas de aula num conjunto de escolas ainda hoje não totalmente identificado.
- A Fenprof questionou, de imediato, o Ministério da Educação sobre o seu envolvimento neste programa que, para a Fenprof, é pouco transparente, designadamente nos fins que persegue, contestando que um processo desta natureza tenha avançado sem qualquer debate público ou auscultação aos professores. Solicitou ainda uma reunião ao Diretor-Geral da Educação, entidade que aparece diretamente associada a esta iniciativa, tendo sido, igualmente, solicitadas reuniões a diretores de escolas envolvidas.
- Entretanto a Fenprof estabeleceu contactos com organizações sindicais de docentes de países onde organizações similares operam há mais tempo (Estados Unidos da América, Reino Unido, Austrália, etc) e recebeu da Internacional da Educação informação complementar sobre o programa em causa e a muita investigação realizada nessa área.
- **É essa informação que a seguir se divulga.**

